



PAULO NHIME

**CONFUSAS
CONFISSÕES**

CONFUSAS CONFISSÕES

PAULO NHIME
ΠΑΥΛΟ ΝΗΜΕ

2020

EDITORA DIGITAL

“ÁGUA PRECIOSA”

CONFUSAS CONFISSÕES

PAULO NHIME
PAULO NHIME

2020

LUBANGO

FICHA TÉCNICA:

Título: CONFUSAS CONFISSÕES

Autor: PAULO NHIME

Copyright : PAULO TCHIMBALANDONGO NHIME

1.ª Edição

Paginação: ADOLFO CHAIGUA

Designer da capa: VANY SANTOS

Editor: Departamento de revisão...

MILLE TAVARES

Editora Digital: *Água Preciosa*

Texto: *Verdana 12*

Lubango

Não é permitida qualquer cópia ou reprodução sem a prévia autorização do autor.

“ Perdida cá estou
Entre sentimentos, desejos e medos
Não sei pra onde vou.

Te vejo, te sinto, te possuo.
Me empolgo, me entrego e fujo.
Em meus olhos, se fazem as lágrimas

Companheiras
Confusas “

De: Indrisos

“ Há coisas
Que nem todos entendem
Mesmo vendo não sentem
Mesmo sentindo não compreendem...
Por isso,
Apenas escrevo
O que possas entender
Talvez um dia te diga,
O porquê desse porquê “

AGRADECIMENTOS

É com enorme carinho que agradeço a todos aqueles que, directa ou indirectamente tornaram possível esta longa jornada. Revelou-se um percurso nem sempre fácil, com alguns percalços e momentos de fraquezas, mas sempre com o apoio incondicional de quem jamais me deixaria desistir.

Em último, mas com um lugar muito especial no meu coração, agradeço à minha família a todo apoio, incentivo e alento. Obrigado pela paciência, pela compreensão nas minhas faltas (pelo tamanho enorme, ainda as escondo, nas conversas apressadas), pelo carinho e ajuda nos momentos de desistência.

À Luís.

PREFÁCIO

Há momentos subversivos, vazios contíguos ao fosso da alma, silêncios concisos cravados na reveza de uma voz imponente, que roga aos ventos a certeza de amar eternamente a vida. Mormente, as estrelas irrompem na alva, o vácuo de um novo amanhecer e, sob o alicerce do tempo, enraízam-se os delírios, desejos que morrem, sem que lhes sobre a vida, a memória...

Confusas Confissões é uma obra que conserva a partir do seu fundamento a originalidade. Centra-se o ritmo, a convergência das palavras, através das quais, as ideias vão sendo construídas, condensadas em cada verso ávido em expressar-se, ainda que confuso, devagar, divaga as lamúrias, a incontidência com que o Eulírico se depara: Forjam, então, numa espécie de duelo entre a emoção e a razão, indagações cruciais, que tornam a obra filosófica, como aqui se vê: "De que vale o homem? / Se a lua aparece / Talvez suas vidas desaparecem / Como lobisomem esquecem que outros comem / De repelão insemnam a maldade..." Nestes versos constata-se a influência da luz em oposição à fragilidade da vida humana, fruto do egoísmo que emana de sua natureza material, e origina a confusão de rosto.

Quantos minutos ainda restam no alforge do tempo? Amargamse as horas, rente às paredes do silêncio, e a noite, trazendo o resquício das lágrimas, não se encontra outra alternativa, senão se conter com a solidão, brincar com os devaneios que vão surgindo, quando o zumbido das estrelas esboça a assimetria de uma mera confiança. "Mil e uma estrelas/ Enfeitam a noite/ fazem-me companhia/ faço-as de vidente..." As confissões permeiam-se às

desilusões, dentre tantos erros... As calemas evasivas de um passado ríspido, revela a confusa apetência em renunciar, ou ainda em seguir a trilha, até ao infinito desespero. "Abnego a todo esse todo martírio..." "Teu sorriso, desfalece e encanta /Negar não posso..."

Nesta obra, refulge a mística da vida, transborda no seu apanágio o cálix de muitos sacrifícios. É uma proposta para a reflexão, embora suscita na alma o êxtase, o orgasmo, a insanidade, a obstrução do raciocínio. Rastreia todas as vivências que infrene os desafios da vida com que cada um de nós se revê. O tempo examina a fraqueza ou a força, porém, o antídoto para a cura das feridas, se é que também não as abrem! Se calhar, depende muito da maneira como validamos as emoções, as expectativas, os traumas, as decepções, e como olhamos com os "olhos de ver", para o futuro. "Agora não se vive / Se vemos no horizonte / O suspiro suave do passado / o vento carrega o cheiro Do futuro incerto"... Uma corrente enérgica atrai o cepticismo, a incredulidade, a incerteza. Esbarra cada vez mais o sentido da vida: " ... Sonhar / Não faz sentido / Quando o coração / Na tristeza fica detido..."

Os versos de *Confusas Confissões* são uma espécie de clamor que se estende aos etéreos da alma. São, sobretudo, um cântico, ou talvez uma confissão!

Joel Caetano "Cazundo"
(Poeta & Escritor)

VINTE ANOS DEPOIS

Meia-noite

Tudo se desliga

As pessoas descansam

Os pássaros já não falam

As fofoqueiras já não cantam ...

Olho para o relógio, meia-noite

Olho para o aquário, os peixes dormem

Luto com os mosquitos

Abro a janela, a brisa suave

Só me traz lembranças dela,

As estrelas martelam minhas ideias, fujo pra dentro...

Um novo dia começa

Meu velho sono não recomeça

Turvam-se meus pensamentos,

Tua ausência tornou-se minha insónia

...

II

Mil e uma

Mil e uma estrelas
Enfeitam a noite
Fazem-me companhia
As faço de vidente

Mil e uma estrelas
Todas belas
Invejo-as por serem e sempre terem
Você por perto
Tentando dizer que do outro lado
Eu sofro, desse lado peço-as
Que me digam, o que estará a pensar
agora Em mim?!
Será que esqueceste de me esquecer?
Terei de lembrar a te fazer lembrar de mim?
Confio nessas estrelas
Que sempre avivam
Teu belo rosto
...

III

Vinte anos depois...

Vinte anos depois,
De novo aqui, no cimo dessa árvore mística
Seus ramos sem tal vigor
Seus frutos, sem o mesmo sabor

E, por momentos entrara de novo
No meu sonho memorial de criança
E revivo por segundos infinitos
O auge de minha mancebia
Em tempos que estes mesmos ramos
Suportavam nossas brincadeiras arriscadas
Nossas rixas...
Suas sombras
De tecto mágico serviam
Aos lotos, as "cozinhaveiras"
Com as meninas como mães
E nós, filhos obedientes...

Vinte anos depois,
Sem nós estes ramos sentem saudade
Do nosso peso, de serem quebradas
Sua sombra é só hoje arena da voluptuosidade
E das moscas, mosquitos e aranhas afogueadas...

Vinte anos depois,
Apenas sinto o desejo e a saudade
Desses tempos áureos,
Do rosto alegre e despreocupado

Meu e dos camaradas que comigo brincavam
Das nossas "mulherzinhas"
E até das gritarias que éramos vítimas
Da mamãe no entardecer

...

IV

Sempre soube... não sei

Quando não tive inspiração,
Quando o que mais queria era não sentir a falta
Do cheiro da tua presença,
Quando queria viver novos sonhos
De gentes que me negam,
Quando perdi a bússola
Das nuvens que inundam meu coração,
Quando não soube, não ser de mim tais
sonhos, Sempre soube!

No futuro que se esconde
Em sorrisos melancólicos,
Da fatura que se sente dessa vida
Nos rostos alcoólicos,
Impacientes, desvanecidos da esperança,
Dos iminentes passados metálicos
Ocultados em meus actos
perversos, Caminhos por percorrer,
frustrando-me, Não sei! Ser agora?

...

V

Por uma vida esperaste
No horizonte dos dias,
Na esperança vendida,
No abraço saudoso da despedida,
Da coragem que não tiveste em dizer: "fica"

Por uma vida esperaste
Não ver em cada manhã
Não sentir em cada deitar
Em cada alvorecer
Não disfarçar a saudade angustiosa
Da salvação gritando no peito
Do desalento dos abraços que não te deram leito
Da vida ingrata que te chama heroína
E por dentro te levando a ruína

Por uma vida esperaste
Dos filhos a ternura sentir, carregar os netinhos
Sorrindo com a sogra, não criando
pecadinhos... Por dias sentiste a
negação de uma vida Que dia e noite
confidenciou tuas lamentações... - Agora
posso morrer!

...

UM SEGREDO

Na estância
Espinhosa da saudade
Desdenhosa da verdade
Deveras, estou estonteado
Tornei numa indelicadeza! Chateado
Oh sonhos pra viver em pesadelos insuportáveis!

Não te sinto
Farejo para te encontrar

Minha deusa
Num ápice tornaste-te numa meretriz,
Teus olhos luzem como fogo
Teus lábios doces e amáveis
Tornaram-se em arcos de flechas,
Tinha-te em mão
Mas dissipaste como água no chão,
Só deixaste teu feitiço, uma assombração
Que na acção
De uma lamentação a uma canção
Roubo tua atenção

...

II

Quando a noite se vai, manhã faz-se
A luz irrompe meu quarto
O sol irradiante brilha
Com toda alegria e ferocidade...

No quintal a natureza também desperta
Os galos, os patos, os pombos
Exibem seus místicos sons,
Na rua outros delineiam
Mais uma página de seus destinos
Uns alegres, outros nem por isso...

Debruçado na janela
Observo esses actores da vida
Com bravura e desfalecimento lá vão,
Minha inércia é a gólgota de meu coração

Só desejo tua presença
Só necessito teu amor
E, assim correm os dias
Como a brisa suave que banha meu rosto
E, dela só me traz lembranças
...

III

Hoje não se vive!
Se vemos a brisa
Suavemente grossa
Carregando sonhos e vida,
Se o tempo nos fecha,
Vemos o passado
Vemos o futuro
Mas não vivemos agora

O que nos traz?
Esse vazio misterioso,
Se sentimos no peito apertado
A saudade infinita
Desse tempo, a infinidade
De sonhos, do alegre triste passado
Do céu que não muda
Mas é mudo
Em não dizer o que somos agora...

Agora não se vive
Se vemos no horizonte
O suspiro suave do passado,
Se o vento carrega o cheiro
Do futuro incerto
Se me perco, o passado ser melhor!

...

IV

Quando o dia se acaba
Nossa aparente jornada
Se desfaz
Enche-se de impudicos desejos meu coração

Abnego a todo esse todo martírio
Se não sei ser espiritual ou material...
Agora dormito
Mas é em vão
Sim, é em vão
Dormir, se não quero acordar
Para afogar todo esse querer...
Despertador e arrepiante
É a presença da redonda bola amarela
Do ciclo fremente
Que se tornaram estes tempos
...

V

A noite medonha te trouxe,
Em meus pensamentos
O frio arrepia
E os grilos apenas me
ensurdecem E fico assim:
Debruçado neste areal de saudades infinitas,
Em meu coração
Só um desejo
existe:
Ter-te aqui.
Por que será?
Que as estrelas não ajudam
A escuridão me tortura
O ar destila um aroma
Que me dá uma sensação

Não sei se de previsão
Mas faz-me espreitar o futuro, pouco claro
Confesso-me com toda essa orquestra
Que presenciam meus olhos decadentes
De saudades tuas
...

VI

Só eu sei
A falta que me fazes
Porque sou apenas eu
Que deslumbro e te procuro
Nessa sombra nocturna

Só eu
O único traído
Por esse querer bipartido
Consolado em outros braços

Só apenas eu
Estas letras
E talvez as estrelas
Que de ti lembramos
Sempre confessamos
E jamais falamos...
Por isso
Já não acredito quando dizias
Que era tudo fantasia
...

VII

Quem a trará?

Levaram-na!

Não sei se o destino

A vida ou culpa minha

Mais do que meus dedos

Está meu coração congelado

Quem a trará de volta?

Se esse amor não volta

E nessas voltas

É ela quem dá voltas ao meu coração

Quem a trará de volta?

Se nessa viagem

Ninguém, apenas eu viajei

Voltei

E sem ela

fiquei Ó

destino!

Ó vida!

Já sorri e chorei de saudades dela

Responde-me agora

Quem a trará de volta?

...

VII

Perdi tudo

O sorriso, de meus lábios se apagou

A alegria, de minha vida se afogou

E a mim!?! Só não morri

Por ser crédulo

Perdi

Mesmo quando te pedi em casamento

E tu fugiste,

Perdi,

Quando distorceste tua imagem de mim

Quando disseste que não me amavas

Quando meu ego a solidão devorou

E mesmo assim não parou...

Vergonhoso amor

O que queres de mim?

...

VIII

Um poema te escrevi...
Mas não leste
Minha vida desfiz
Mas não a quiseste
Meus olhos
Apenas vêem realidades utópicas
Perceberás
Quando de lá, do etéreo
Na minha última residência
Ouvires o meu clamor
A minha dor
E tarde demais pra esse love amor
Quererás, mas não mais poderás
Ler meus poemas

Que desbravam e desagradam o amor
Quererás, mas não mais verás
Meus olhos carregados de lágrimas
Decomposto meu coração
Não haverá espaço
Nem saudades sentirei
Que para mim
Deixará de ser lindo teu rosto
...

IX

Mãe!

O menininho cresceu
De rapaz se fez homem
De novo no teu colo
Como se ainda menino fosse
Derramei lágrimas
E agora culpo-te

Oh mãe!

Jamais me falaste
Sempre me fantasiaste
Porque não me disseste
Que o amor
É como esse mundo
Quem o possui não quis
E quem o quis nunca o terá
Decifro toda angústia
Que se tornou décuplo...

Mãe!

Deixa-me de novo ser
menininho Por favor!

...

X

Só mais uma vez!

Só mais uma vez
Contigo quisesse sonhar
Mesmo sem sono,
Entrar na imaginação e fantasia
Talvez me faz esquecer dessas anarquias
É aqui, quando todos se desligam
Onde vocês não brigam
Que por um segundo vivo
E nela, revivo meu bel-prazer

Só mais uma vez
Pelos campos corremos
De mãos dadas, nos alegamos
Frutos deliciosamente
deleitam-nos... Acorda!
-Por quê? Ainda é cedo.
... Nem em sonhos te posso ter
...

XI

Esperei

Por dias e meses

Por segundos infinitos de solidão e tortura,

Não esperei porque fiquei

Porque jamais me fartei

Esperei

Mesmo quando te perguntei

E da tua resposta desamei

Furtei,

Injuriei

E por pouco, desse amor não desolei

Te amei e te desejei

Tentei e me dediquei

Agora me degradei

Porque sei, que sem ti fiquei

...

XII

“ Mais do que não ter vontade
É não ter objectivo”

Quando a mágoa a desfez e levou-a
Apagou-se em mim a razão
Em nós, sequer sobrou carinho
E ainda pior
Tu dizes: “ Mais do que não ter vontade”

Quisesse que verdade fosse
Mostraste-me a razão
De não mais te amar
Encheste de escuridão meu coração,
E perdurou esse perfuro na mente
Mas na emoção vives
Como meu talismã, arraigada em mim,
Desse atrapalhado
Ressuscitado
Todos os dias
“ É não ter objectivo”
...

XIII

Envernizaram os sonhos
Nem a lua queria a sanha
Não ficar, e nem continuar
Sentir o limite e querer prosseguir,
Nas estrelas, buscar o conforto
Não sei se de sonhos
Ou o regalo dessa erupção de lágrimas,
Apartado do mundo, nesse dia me sinto...

E te chamo?!
Se tua presença é a brisa
É o amor personificado
Mas também, um muro fortificado

E o que digo?!
Se já te escrevi um poema
Se nos teus olhos vi o floema da inconstância,
Da não empatia, que sentiste trémulo o coração
Da dor de te ver partir
...

XIV

Acordam,
E morrem os sonhos,
Se te vejo e não lacrimejo
Suspiro e ainda desejo
Viver a utopia de meus pesadelos...

Me vejo fugindo
Quando dos teus olhos não entendo:
Sentir que não posso
Tal coração teimoso
Aos poucos sem querer
Deixa-me mimoso...

Agora não sei!
Se te vejo e não beijo
Se te desejo e não
falo Se me
convenço:
Estás a correr atrás do vento
...

XV

Escrevi a poesia...

De homens que esqueceram de sonhar

Fracassaram, não viram os sonhos fugindo

Escrevi a poesia...

De homens que julgaram a beleza

Em máscaras de tchinganji

Pintados com argila do egoísmo,

Se banham, em poço algum,

Têm medo do horrendo sorriso

De bocas com dentes de vampiro

Escrevi...

Por quê não despertam?

Em tais princípios se fiam,

Seus olhos não me dizem nada

...

XVI

Pensar em ti
É sentir a saudade camuflada
Em meus pensamentos,
Fermento meus desejos, se vivida a tua imagem
Nuvens amarelas, em céu azul vejo
Tremendo de frio fico em sol ardente
Aguardente, jorra em meus molhos embriagantes

Pensar em ti
É esquecer o amor vendido
Em noites que homens esqueceram da poesia
Poesia vê-se nos olhos do poeta

Pensar em ti
É não saber encontrar a felicidade
É em tudo de errado culpar-se
É sentir que ninguém sente, homens dispersos
Disperso, encontro a felicidade nessa saudade
...

XVII

De que vale o homem?
Se nos rostos que careciam de amor,
Em cada mão que se estendeu
Não teve compaixão de dar o pão,
Vi lágrimas no coração
Que ocultaram em lábios avermelhados,
Na esperança que sentem e não vejo,
Da vida desvivida
Que em suas falas vêm desvendadas,
E ainda acreditam em fadas...

De que vale o homem?
Se a lua aparece
Talvez suas vidas desaparecem
Como lobisomem,
Esquecem que outros comem
De repelão inseminam a maldade...

De que vale?
Se por isso se tornam cegos
Nos frenesis de meus pensamentos
Percebo que cá não estas

De que vale tua ausência
Ou tua presença
Se no teu rosto nada mais vi,
Palavras lindas, sonhos perdidos,
A vontade que me deu por louco,
Dessa esperança que fecha meus sentidos,
De meus olhos inocentes

Que ocultam meus pecados,
De teus olhos que fogem de mim,
Da coragem ofuscada
Na alegria desse sol brilhante

...

XVIII

... Sonhar!
Não faz sentido
Quando o coração
Na tristeza fica detido

E pra consolo?
Até os amigos não fazem colo
Colo, não faz sentido, precisar dos partidos
Partido, vejo o coração bipartido
Em querer, em não saber
Meus lábios em tudo querer ofender...

Sonhar!
Gritam meus desejos
Não atendo a tais ensejos
Esgoto, quando procuro teu sorriso
Em tudo ainda lamentas
Preocupas,
Não sabia, que vendes sonhos!

... Ouvindo vozes sinuosas
Dela e daquela
Doutras e de nenhuma
Da eleita de meus sonhos
Da predilecta na confusão de meus escombros
...

XIX

Quando o faro trazer
O sorriso esquecido
Na lembrança de tardes
Que parecem ter fugido,
Do vazio que tenho em mão
Quando vejo outros
Vivendo despreocupados,
Na inútil rapidez do tempo
Rostos cobrindo-se do índice do tempo,
Em todo esse acalento que sinto do vento,
Não vejo tal amor

Se me dá coragem!
Se aviva em mim meus sonhos em ferragem!
Se me torna lúcido em entender:
Não passou o tempo
E tal amor, apenas aqui existe

...

XX

Desencontrei o sorriso
Ver-te e sentir o amor esquecido
Falar e sentir a utopia de sonhos utópicos,
É no teu rosto não ver o sorriso

Batem, gritam...
Mas em nada discordam
Amor e razão, inflamam o coração
Num misticismo confundo
Não entendo esse amor
Que nasci na razão
E com comparações arraigadas
Rostos besuntados
Chamam a isso "amor"
...

XXI

Uma carta a Teresa

Lembras-te?

Daqueles momentos

Que brincávamos na reunião

Em horas de desatenção

Lembras-te?

Quando vinhas pra escola, meio triste

Inutilmente tentava alegrar-te com piadinhas,

Contavas o que se passava...

Lembras-te?

Das horas de preguiça

Que contemplava toda sua beleza

Arriscando a perder a virilidade

De meus nervos fictícios...

Acomodo-me hoje

Na satisfação de cada suspiro

Lembranças, só me resta a frieza memorial

Pra descrever tais momentos

E fingir que não sinto

...

XXII

Senti saudades...

Senti saudades

Nessa noite onde a poesia logra

E tua presença é apenas minha sogra

Senti saudades

Quando senti o crepitar mordente

Do avivar que se sente

Quando rostos belos

Se entrepõem na minha mente...

Lacrimizei,

Apercebendo vil, utópico

Talvez um pouco fatídico...

Não! Não posso negar

Tais rostos, tal noite

Tais gritos, tal sorriso

Me fazem sentir

Vivo e morto

Triste e alegre

Feliz e enfado

Talvez um pouco esgotado

Me faz pensar

Não viver

Minha vida desfazer

Meu coração, esse querer

Minha paixão...

XXIII

Parece mentira
Que até ontem estavas aqui,
Mesmo sendo neste térreo areal
Do meu coração,
Teu aroma
Inacreditavelmente persegue meu olfacto,
Tua voz sinuosa
Cravou-se como selo em meus ouvidos,
Teus olhos, teu olhar
E até teu rosto
Se me negam
Sim, se negam
De serem lembrados,
Se negam
Em permanecer indelével na mente,
E disfarçadamente já não
sei Se minha mente,
mente!
...

XXIX

Me desperto
Como um furacão
Tão vil e veraz
Como o relampejar que floresce
Quando da tua ausência desperto...

Hoje,
Tenho o mar
Da lua
Das estrelas
De todas aves belas,
Decerto as possuí,
Do mundo
Com este meu olhar defunto
De tudo me
envaideci E por
nada me enfureci
E, agora procuro entender:
Por quê de tua ausência
Meu coração endurece?
...

XXV

Não tive pressa
De ver o sol nascer,
Tive pressa
Do teu amor sentir me aquecer,
Tive pressa
Em sentir do vento esse alerta
Dos teus olhos
Esse poço de despedida
E das pessoas
Lá bem no íntimo eu senti
Sim, senti a pele escarnecer...

Tive pressa
No desabrochar enigmático
De dias monótonos
Incompreensível e abstracto
De dizeres sem abstracto

Tive pressa
A cada despedida
A cada orvalho
Que goteja desses olhos
Quando do poente de tua boca
Não comi palavras que chicoteavam

Tive pressa
Em entender o porquê
Mesmo sem saber o porquê
Desse porquê
Ah! Tive pressa

Não sei de quê
Uma vez nasci
Quando do milagre
Aquele vinho acre
Ruinosamente venceu a corrida
Da fecundação...

XXVI

Uma vez nasci
Mesmo sem perceber
E ainda tentando,
Percebi que foi um erro,
Não quando nem onde...

Mas onde se caminha?
Quando tais caminhos
Apenas nos desencaminham...

Mas onde se come?
Se tais homens
Desconhecem o coração de fome
Sim, o coração pedinte
Não de pão, mas de compaixão
...

XXVII

É ornada de glória a inveja
Se sente na voz da noite
No choramingar da lua
E na presença ruidosa dos grilos
Que nesta hora
É um pouco minha eterna aurora,
E quando dizes
Que não me desejas

O ódio não se come
É uma deficiência
- Coma esse ósseo!

Inveja,
Minha doce cereja,
Meu fim
Que ainda não desejas,
Tuas cervejas
Que a cada dia não vejo
Por estar sobre a mesa

Inveja,
Lá dos céus
É coisa dos seus,
Aqui nesta terra imunda
Da faísca me escondo
No subsolo deste mundano consolo
...

XXVIII

Como Deus
Como nossos dedos ateus,
Minha mão dextra
Fervilha o futuro
Daquela gente sem futuro,
Escarneço a corrupção
Do teu apelo sem anelo...

Como Deus
Sem ser mais um dos seus
Mesmo sem saberes
Me tranco no risonho mundo meu
Torturando a incompetência da capacidade
Quando sem querer me lembro dos meus,
Das lágrimas que Ele do meu rosto esqueceu
Faleceu, não ser agora
Quando percebeu

E, se dissesse que se acaba o mundo
Se de longe meus olhos são imundo
Desse desamor,
Meu coração fica mudo
Não mudo e me desuno
Quando todo o mundo
Não me diz tudo
...

XXIX

Aqui não se vê o sorriso
Quando a objecção de tais rostos
Não deslumbra,
Acabrunhados, parecem
robôs Se vejo desamor?
De tais olhos
A tudo equivalem notas

Vê-se a geração de César
Todos como feras
Sem esfera
Não alcançam a escravizadora metralha
Que os move para a morte

E, de soslaio lacrimejo
Como se procurasse entender
Nesses rostos opacos:
O que sucedera ao amor e aos sonhos?
...

COMO UM VIDENTE

Viste?

O homem

Sentado no álcool

Que descansa, na curta sombra do corvo

Em seus pensamentos

Nada desata, senão em ser um foço

De mistérios que ele vê

De suas vozes que não têm fé

Do gemido titubeantes de seus sonhos que ninguém vê...

Viste?

Em noites que procurou

No alvorecer do crepúsculo se enforcou

Na correia das galinhas de aço

Nos imbondeiros altivos dessa urbe

Das mãos-de-aço

Que não viram esse Esdras

De nossos olhos

Que nada mais viu, homem perdido

Que se perde na perda que não viu perdido

...

II

Se não caber em mim
A tamanha beleza
Do marginal sorriso seu,
Do encanto que não possui
Mas meus olhos desdenham-se
Em presenciar teu rosto
Como o universo sobre mim
Teus olhos, o mistério que ninguém vê
Teu sorriso, desfalece e encanta
Negar não posso, deixa-me confuso

Ah!
Se te pudesse levar!
Não tocar
Em meus olhos guardar,
Não te ver
Em meu coração desse amor comer
...

III

Não mereci um sorriso teu
Teus lábios não se curvaram
Pra dar doçura ao coração meu
A um metro de distância os encantos falam
Ilhéu, inerte na escuridão
O desejo enfraqueceu

Senti o gemido
Desse coração que da tristeza é destemido
Dos "ais" que entorpecem
Meus olhos esfoliados

Decidi vender corações
No metro
Quando ela não passar
Quando o olfacto embriagar
De cheiros repelentes
De danças remitentes
Na dispersão agora, de vários sonhos
...

IV

No dia
Quando a lua bronzear
E as estrelas
Que como se ganhassem a recompensa
Dos mistérios que vêm nesse silêncio,
Espalham sorrisos
De lá de cima
Não viram meu coração da saudade aturdido...

Coragem ganho
Do sofrimento incomum desse rancho
Meus tons relutantes não se contêm

Ó lua!
Quisera contigo estar
Nessa hora o desgosto afundar
Da mágoa que não querem tocar
Dos beijos doces
Que conjugam esse querer
E do enlaço dos desejos
Que professaram amor aos deuses,
De teu infinito
Que confundem e desfalecem meus sentidos

Ó lua!
Enfeitiça essa paixão
Pensar que sonho foi, é erosão
Tuas palavras
Sacarinas agulhas sem piedade...

V

Vi-me vendido
Das palavras e olhares não
ditos Será que vistas?
O choramingar ténue
Do gemido de minha voz
Do balbuciar de meus dedos
Que no teu olhar diamante
Teu rosto de rubis
Nessa história que sempre ouvi de minha mãe
Despedaçaram a inocente esperança

E, ainda
No minuto mágico de saudade
Nada mais vi,
Andorinhas ao céu voando
Outros, que como se loucos
De minha tristeza, os vi zoando
...

VI

Não te encontro
Nos versos dispersos
No silêncio da gritaria
Das insinuações que sou vítima
Na dispersão da tarde
E no suspiro que como presente
Me dão as pedreirinhas

Não te encontro
No aperto do peito
Que não desperto

Não te encontro
Na voz que não vi
No calo de tuas palavras que não ouvi
E no choramingar de meu coração que não senti

Não te encontro
Se te encontro pairada no ar
Mas de mim, na distância fugaz

...

VII

Quero mais
Desse cisne que tine
Do dia em mim, que anuncia a noite
Teu suspiro sôfrego
Meu sorriso desprezo

Quero mais
Dessa enxurrada transbordante de ansiedade
Se crucificas meu coração
Nas ondas suaves de teus cabelos
Que alisam teus ombros

No canto
Fujo da reunião
Balanceio nesse prego que que não prego

O que te darei?
Se ainda, ai fora, anoitece a noite
Em teu corpo me esfrego...
Já lacrimejando
Me vêm tuas palavras
Salpicos de ódio e vergonha
Tenebrosa nos meus olhos
Que a cada vírgula
Cada ponto
Pronto, meus "eus" se acreditam
Mais um pouco, se fiam
Agora, desassossegado profiram...

VIII

(em memória à Luís)

Quero-te amar
Quando o amor não ter mar
Quando o mar não falar
Quando eu falar
Do teu amor acabado,
Depois de uma semana de beijos
Nesses lábios, que só tristeza agora
emana Mana!
Procuraste-o na mata
Desencontraste-o na desgraça
Desse coração sem dó...

Quero-te amar
Se só sei amar-te
...

VIX

Me ame
Como a lua
Que versa comigo nesse verso

Das estrelas,
Queria apenas um poema
Da noite,
Um prazer sonhado
Do dia,
Na tristeza desses dias
Que não me acorde o rouxinol
Do frio que serpenteia meu ser
Do sol,
Da sua aparente euforia
Que comute comigo...

Me ame, amor!
Pois tenho tudo
O mundo
Seus prazeres desnudo
No fundo
Sem ti, só tenho meu olhar defunto...

Me ame!
Ainda que não te fale
Dos versos rosados me cale
...

X

Espero

Espero alguma fortuna

Alguns amores

De meu espírito descabido

Algum destemor

Espero

Espero hoje

Desesperado

Despertado

De longe, por teu olhar fustigado...

Espero

Na impaciência dos dias

...

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	12
PREFÁCIO.....	14
VINTE ANOS DEPOIS	16
UM SEGREDO	22
COMO UM VIDENTE.....	54

CONFUSAS CONFISSÕES

Autor: **Paulo Nhime**

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Paulo Nhime

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma **Licença Commons**.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



Paulo Nhime. Nasceu na cidade do Lubango, ao 26 de Novembro de 1991.

Ensino Médio em Contabilidade e Gestão pelo IMELUB. Actualmente Licenciado em Gestão de Empresas pela Universidade Mandume Ya Ndemufayo, Faculdade de Economia.

Paulo Nhime é um verdadeiro amante da escrita, porquanto se faz respirar no seu mais intrínseco ser a verdadeira arte de articular as letras, tornando a escrita como seu escudo para a árdua liça de melhorar o mundo ao modo mais aclimatado, onde as almas transparentes se deleitam da essência da vida, por conta da descoberta da razão do existir.

Escrever, foi sempre o cantinho onde procurou confortar as suas perguntas tácitas, sem respostas, que se rejuvenescem no olhar distraído, numa vida batucada, num sorriso colorido.

